

# Mariana Malvezzi

## *Universidade de São Paulo*

---



Psicóloga (PUC-SP, 1996), Psicanalista (CEP, 2015), Mestre em Psicologia Organizacional (Universidad de Belgrano, 2003), Doutora em Psicologia Social (PUC-SP, 2011). Pós-doutoramento em Psicologia Sociambiental, LAPSI (IP-USP, 2017). Possui consultório particular de psicologia e atua também como professora no ensino superior na ESPM. Tem experiência de trabalho internacional e em empresas nacionais na área de psicologia atuando principalmente com os seguintes temas: psicologia social, identidade, cultura e sustentabilidade

---

CV: <http://lattes.cnpq.br/0402023138863655>

E-MAIL: [mariana\\_malvezzi@yahoo.com](mailto:mariana_malvezzi@yahoo.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-0297-352>

---

## Homem e Lugar: um ensaio do Homem-fronteira na atualidade

RESUMO: Com o objetivo de compreender a potencialidade da busca pela emancipação na atualidade, cujo cenário vem marcado por uma condição de perirurbanidade na qual o estar dentro e o estar fora se veem marcados por uma tênue e instável fronteira, este artigo buscou refletir sobre o conceito de identidade e seus desdobramentos na construção de narrativas de trajetórias de vida face a uma busca por autonomia e originalidade. Tal potencialidade do Homem se observa inibida e cerceada diante de um sistema-mundo binário, cuja organização social, marcada por um núcleo intuitivo dogmático impõe a todos uma condição de negatividade psicológica e positividade lógica. Para tanto refletiu-se sobre o conceito de Homem-Fronteira e seus desdobramentos na atualidade.

PALAVRAS-CHAVE: IDENTIDADE, EMANCIPAÇÃO, HOMEM-FRONTEIRA, PERIURBANIDADE

## Man and Place: an essay by the frontier-man today

**ABSTRACT:** Addressing the understanding of emancipation, and its potentiality search in the present time, who's scenario is determined by a perirubanity condition in which being inside and outside is marked by a tenuous and unstable border, this article sought to analyze the concept of identity and its advance in the construction of life trajectory narratives in face of autonomy and originality. This potentiality is, as observed, inhibited and restricted before a binary world-system, whose social organization, is marked by an intuitive dogmatic nucleus and imposes on everyone a condition of psychological negativity and logical positivity. To do so, frontier-man and identity construction in the present days were examined.

**KEYWORDS:** IDENTITY, EMANCIPATION, FRONTIER-MAN, PERIURBANITY



# Homem e Lugar: um ensaio do Homem-fronteira na atualidade

---

Mariana Malvezzi

Universidade de São Paulo

A sociedade é uma realidade histórica em contínuo movimento, no qual revela-se a si mesma em seu dinamismo e problemas. Guerras, migrações, conhecimentos, tecnologias, culturas e fenômenos naturais produziram efeitos que, transformaram a vida tribal na atual vida globalizada. Nessa transformação constatam-se saltos qualitativos em todas as esferas da vida humana, que têm sido considerados como desenvolvimento, assim como feitos que ameaçam a continuidade da própria sociedade. Desde o início da era industrial, a evolução da sociedade ganhou condições peculiares instituindo o desenvolvimento e, ao mesmo tempo, o risco numa relação paradoxal que ameaça a continuidade da própria sociedade. Para se produzir bens para todos tem-se destruído muitos recursos naturais fundamentais para o presente e o futuro. O estudo desse paradoxo é um desafio que motiva, ao mesmo tempo em que obriga o pesquisador a se debruçar sobre as condições da continuidade dos Homens no mundo. Esse campo de reflexões tem sido denominado de sustentabilidade.

O estágio atual da evolução da sociedade expõe um momento de transformações generalizadas, de difícil controle e com impactos

visíveis nas condições de vida e em todas as instituições sob as quais a própria sociedade está organizada. A compressão do tempo e do espaço, materializada pela disseminação das tecnologias de tele-informação e assumida como expressão da globalização tornou amplo o alcance dessas mudanças sobre todos os aspectos da vida das pessoas e da sociedade. A sofisticação tecnológica, a globalização da economia, a reinstitucionalização do trabalho, a exploração dos recursos físicos, os novos modelos de família, a fragmentação da produção em empresas redes, a dinâmica das identidades, o multiculturalismo e a banalização da comunicação trouxeram benéficos e novos tipos de risco, já generalizadamente reconhecidos e integrados às agendas diversas. O crescimento da população, as frequentes crises econômicas e as intervenções predatórias no ambiente, para a exploração de suas potencialidades e recursos são aspectos preocupantes que já sensibilizam a reflexão e as ações por parte das diversas instituições e autoridades. Tal consciência dos riscos está manifestada nos investimentos direcionados para a compreensão e na busca da sustentabilidade da sociedade. Uma ilustração desta aparece na reflexão de Habermas sobre o futuro da natureza humana ao analisar o avanço tecnológico na área da genética e, seu avanço não correspondente na reflexão da cultura moral e da ética (HABERMAS, 2004). Criam-se tecnologias, que agregam benefícios e riscos, como novas condições de vida do presente momento histórico, que gerarão impactos na sociedade do futuro. A crescente consciência das potencialidades e riscos ao longo dos últimos 30 anos colocou na pauta das agendas técnicas, políticas e acadêmicas a reflexão e ações direcionadas à compreensão e viabilização da sociedade auto-sustentável.

A busca da sustentabilidade, como problemática globalizada é uma questão do século XXI, porque os riscos intrínsecos à sociedade atual não poderão ser controlados ou eliminados em curto

prazo. Ao se refletir e agir em prol da sustentabilidade, a sociedade está discutindo e agindo em prol de sua própria emancipação, ou seja, de sua própria competência a viabilidade de seu futuro. É possível sustentabilidade sem emancipação? Esta questão aparece como problema prioritário para orientar as ações para o desenvolvimento da ciência, para a gestão da sociedade e para a criação da sociedade futura (MALVEZZI, 2011).

O que seria a busca pela sustentabilidade se não a capacidade de realização do ser humano por uma vida autenticamente humana (JONAS, 1979), cujo movimento implica em assumir uma postura de “não ao não-ser” para todos os Homens, de modo a proporcionar para toda a humanidade a potencialidade de sua própria existência enquanto tal. Desta forma, a consciência, o reconhecer a si mesmo e ser reconhecido é imprescindível, a fim de garantir a liberdade necessária em tamanha construção (HONNETH, 2003), tanto nas esferas individuais como coletivas.

Assim, atuar em termos da sustentabilidade significa dar “continuidade à existência e continuidade da reprodução das potencialidades para o Homem seguir existindo” (MALVEZZI, 2011). Não bastando, neste sentido, uma existência qualquer, mas sim “uma existência que mantenha e reflita as condições que reproduzam a existência inerente a constituição do Homem” [pg. 160].

Sustentabilidade, desta forma, deixa de ser uma questão ambiental ou urbana, do lugar onde o ser humano se situa, para ser uma questão de sua inerente condição humana e social, tornando-se uma dimensão de sua realização. Portanto, se a vida e a realização humana dependem das condições do ambiente, a sustentabilidade pode até ser uma condição ambiental, mas cujo sentido e valor não é independente de sua condição como recurso e instrumento da realização do ser humano, como indivíduo e como sociedade.

Assim, a competência do agente torna-se imprescindível como parte de todas as ações do Homem, a fim de garantir esta construção. A ação sustentável, por conseguinte, não foge desta condição uma vez que espera-se de todo agente, conhecimento sobre o que está sendo feito por si mesmo e pelos outros. O conhecimento nesse sentido parece ser parte imprescindível deste processo. Desta forma, as ações, por serem produtos de escolhas intrínsecas à condição eu-outro, dependem também da clareza de algum ponto de chegada, das muitas possibilidades dos personagens do Homem (CIAMPA, 1987) e do mundo.

O ser humano está em algum lugar concreto que afeta e impacta a sua qualidade de vida. O Homem depende das condições e recursos desse lugar. Esse lugar não lhe é dado, mas é produto de sua ação, que constrói e destrói partes desse espaço, permitindo-lhe explorar, ampliar, limitar, aproveitar, desperdiçar, criar ou ignorar as potencialidades do lugar, do mundo no qual está inserido. O ser humano, como agente, escolhe e por isso constrói ou destrói, e sua ação enriquece ou empobrece, emancipa ou escraviza ao alterar o lugar onde ele está. A vida humana, dependente do Homem, não está dada, é necessário conquistá-la, buscá-la, é necessário lutar por ela e merecê-la através de suas ações.

Essa ação humana consiste na integração das atividades das pessoas que atuam como seres individuais e coletivos, e como todos são dotados da potencialidade de agir e o local é compartilhado, a interação ganha valor na sua relação com o ambiente, repercutindo na interdependência entre as pessoas. Assim, o agir é na verdade, o agir com, que por sua vez é produto da subjetividade. Esse fato coloca a psicologia e particularmente a psicologia social como elementos obrigatórios da compreensão da sustentabilidade. As pessoas agem a partir de negociações, de competências coletivas e da formação de alianças. A força do Homem, enquanto agente

de mudança, está longe de ser um poder pessoal, mas um poder construído dentro da interação eu-outro.

Dessa reflexão desponta a questão, “como atuar para fortalecer o empenho e a eficácia, a força do agente diante de um mundo movido por sistemas órfãos, individualismo e fragmentação desintegradora?” Questão que robustece mediante a força da tecnologia que, por um lado integra o Homem nesse mundo, e também facilita e descontextualiza o ganho de consciência dos riscos. Que condições deveriam nortear as negociações dos agentes? E mais, como criar condições para que a negociação do agente com o mundo seja pautada por uma ação verdadeiramente emancipatória?

O desafio diante destas questões emerge da própria natureza do objeto de estudo. Pesquisar objetos complexos como sustentabilidade, identidade e emancipação demanda observação sistemática da realidade e crítica sobre os conceitos e teorias em suas bases. Sendo objetos com fronteiras porosas, os alvos desta reflexão navegam com segurança no território da ciência se decorrerem da observação cuidadosa e sistemática, sempre mesclada com a reflexão crítica. Por outro lado, a clareza das opções ontológico epistemológicas se impõem como formas de verificação contínuas sobre objetos que transcendem o olhar sobre o território e sobre o Homem que o habita. A captura das identidades e da emancipação, dentro desse território, implica na apreensão e transformação de dados tendo em vista expor os elementos alienantes e ocultos da relação do Homem com seu território, de forma a explicitar as ideologias que subjazem à lógica desta relação.

Os próprios conceitos aqui referendados demandam atenção, uma vez que não são passíveis de serem tratados de forma isolada. Em vista do exposto, os conceitos de sustentabilidade, emancipação e identidade carecem de aprofundamento em toda a sua

significação e revisão em suas inter-relações. Uma vez que o Homem é indissociável de todos os elementos (visíveis e invisíveis) que o cercam e o compõem, conseqüentemente a compreensão da problemática da sustentabilidade e do possível esvaziamento das possibilidades identitárias, como um desafio para uma ação mais emancipatória do Homem, só poderá ocorrer se este for considerado em toda sua complexidade.

### **IDENTIDADE E HOMEM-FRONTEIRA: O ESTAR NO MUNDO E SEUS DESDOBRAMENTOS**

A questão da identidade coloca uma categoria fundamental da compreensão do ser social. A identidade tem sido questão aplicada às pessoas, organizações e grupos porque sem a resposta à pergunta quem é você, fica difícil a articulação do eu e do outro como interlocutores concretos. Sendo apreendida por meio de seus predicados, que são revelados pelas ações e vivências dos sujeitos, a identidade compreende e explica, as vivências e colocações do homem e sua luta por reconhecimento, base fundamental da potencialidade emancipatória de todos. Portanto a identidade expressa as limitações das circunscrições imposta pelo sistema-mundo.

Como um dos temas centrais das ciências humanas, a compreensão do conceito de identidade não apresenta unanimidade quanto aos seus distintos predicados e processos. Erikson (1968), na obra *Identidade: juventude e crise*, foi o primeiro a empregar o termo apesar desta preocupação já ter sido sinalizada pelos filósofos gregos, tais como as contribuições de Tales de Mileto (625a.c. aprox.), que acreditava em uma contínua transformação e conseqüente inter-relação de todos os elementos presentes na natureza, questão melhor problematizada por

Heráclito (540a.c. aprox.) que se referiu a contínua influência e transformação de todos esses elementos.

É bastante conhecida e debatida pelas ciências humanas a questão da identidade na atualidade. Entretanto, dada a complexidade dessa questão, “quem é você?” não há unanimidade nas suas diversas abordagens. Se reconhece hoje a identidade psicossocial e a identidade pessoal como respostas distintas, porém igualmente relevantes e interdependentes, tais como o interacionismo simbólico da Escola de Chicago (BLUMER, 1969; SARBIN, 1968 e SCHEIBER, 1983). Mead (1934) foi um dos percursores dessa abordagem ao se referir ao *eu* e ao *mim* como entes distintos. Já a teoria da identidade (STRYKER, 1985) considera fundamentalmente o grau de individualidade como fator chave para a atribuição da identidade psicossocial. Goffman (1959) e Ricoeur (1990) também em suas proposições reiteram a importância dos diálogos com o social, o outro, para a construção do *eu*. Outras abordagens, como a Escola de Bristol com suas Teorias da Identidade Social (TAJFEL, 1972) e da Autotipicidade (TURNER, 1985) reforçam significativamente a importância da relação entre grupos e principalmente os movimentos de categorização ou prototipização, uma vez que atuam como ponto de partida e como referência para que o sujeito construa a possibilidade de diálogo e, desta forma, a própria ontologia.

Apesar das muitas perspectivas para a compreensão da identidade, pode-se afirmar a existência de um aspecto a todos comum referente ao reconhecimento que o exercício de construção da identidade é implicado na prática do diálogo, a partir de uma experiência, uma vivência, do mundo que coloca a todos como fronteiras do que os define como singular e o que os define como plural. Neste sentido cada sujeito é em si o marco divisório do que lhe é próprio e do que é compartilhado, cabendo a este sujeito traçar a

própria fronteira de sua identidade (sua participação na construção de si e de seu espaço no mundo). Desta forma, este sujeito, a partir de aqui referido como Homem-fronteira, traça no decorrer da sua vida, uma narrativa (uma viagem) cujas potencialidades de ser estão pautadas na fronteira do “próprio movimento de fechamento e abertura” que estabelece (HARTOG, 2004) [pg. 23] frente a alteridade que se apresenta.

Ser Homem-fronteira significa, portanto, olhar e participar do mundo com uma inquietação autêntica que permita os movimentos de abertura e fechamento apontado por Castoriadis (1987) e de reconhecimento e desconhecimento como proposto por Levinás (1993).

Abertura e fechamento, tal como sugerido acima, pode ser entendido a partir de uma crítica às sociedades arcaicas e tradicionais que impõem aos seus membros um “*enclausuramento informacional, cognitivo e organizacional*” (CASTORIADIS, 1987) [pg. 434], nos quais vive-se o novo, porém construído a partir da própria história, das próprias referências. Tal qualidade não permite o questionamento das instituições e significações já estabelecidas e conhecidas. Desta forma, o “novo” não pode ser exatamente como algo original, ou mesmo autônomo que tenha vindo a surgir.

Diante deste panorama, uma sociedade autônoma é aquela que sempre põe em questão as instituições, as leis, as verdades. Neste sentido, a autonomia fica entendida como um processo de constante abertura frente a própria condição de existência:

*“abertura ontológica, possibilidade de ultrapassar o enclausuramento informacional, cognitivo e organizacional que caracteriza os seres autoconstituíntes porém heterônomos. Abertura ontológica, pois ultrapassar essa clausura significa alterar o “sistema” cognitivo e organizacional já existente, portanto constituir seu mundo e a si próprio segundo*

*diferentes leis, e portanto, criar um novo eidos ontológicos, um si-mesmo diferente em um mundo diferente*". (CASTORIARDIS, 1987, p. 434).

Este movimento de abertura, entretanto, não pode ser aleatório uma vez que requer liberdade e reflexão, tomada por indivíduos educados na e para a democracia. Educação neste sentido ganha novos contornos e passa a compreender que leis e instituições são criações humanas e, portanto, detentoras do sentido que lhes é atribuído historicamente e não instituído por terceiros ou divindades. Educação que constantemente questiona o caráter absoluto de tudo, de forma a rever-se completamente e de forma autônoma.

*“é somente a partir dessa convicção, profunda e impossível, da mortalidade de cada um de nós e de tudo o que fazemos, que se pode viver como ser autônomo – e que uma sociedade autônoma se torna verdadeiramente possível”*. (CASTORIARDIS, 1987) [pg. 442].

Voltando às reflexões acerca do Homem-fronteira (HARTOG, 2004) como abertura e fechamento pode-se afirmar, a partir de Castoriadis, que a abertura é possível mediante a capacidade de autonomia individual e social de auto-instituir-se como capacidade livre e reflexiva de todas as verdades, leis e instituições que julgam-se verdadeiras. O Homem-fronteira, nestes termos estaria sempre pronto para rever-se a si mesmo, ao outro e a rota de sua trajetória de descobertas.

Já, no que se refere ao reconhecimento e desconhecimento, também entendido a partir dos movimento do Homem-fronteira, Levinás (1972) propõe que o Homem saia da postura de total individualidade e de totalidade nos seus pensamentos, atos e valores e se abra frente ao Outro. Deixando de *ser-para-si* e assumindo uma

nova ética de *ser-para-o-outro*, responsabilizando-se pelo Outro. Neste movimento de abertura e de reconhecimento tal qual os desígnios do Homem-fronteira, o Homem não retorna ao Eu, ao que era antes de avançar sobre as fronteiras de si mesmo. Isso porque, uma vez aberto para a exterioridade do Outro este Homem sentirá desejo pelo infinito, pela grandiosidade da própria ontologia.

*“a relação com Outro questiona-me, esvazia-me de mim mesmo e não cessa de esvaziar-me, descobrindo-me possibilidades sempre novas. Não me sabia tão rico, mas não tenho mais o direito de guardar coisa alguma. O Desejo do Outro é um apetite ou uma generosidade? O Desejável não preenche meu Desejo, mas aprofunda-o, alimentando-me, de alguma forma, de novas fomes”.* (LEVINÁS, 1972) [pg. 56].

Dessa forma, Levinás propõe uma nova ética que esvazia o Homem de *“seu imperialismo e de seu egoísmo”* [pg. 61], atirando-o em um movimento de reconhecimento do Outro, capaz de *“queimar de um fogo diverso que o da necessidade que a saturação apaga, pensar além daquilo que se pensa”* [pg. 62]. Esta seria, portanto, uma condição para emancipação nas metamorfoses da identidade.

Dando seguimento ao pensamento de Levinás, a ideia de Infinito surge a partir do estabelecimento de uma relação Eu (Moi) a Outro.

*“a ideia do Infinito é Desejo. Ela consiste, paradoxalmente, em pensar mais do que aquilo que é pensado e conservá-lo, assim, em seu “des-  
mesuramento” em relação ao pensamento; em entrar em relação com o inapreensível, mas garantindo-lhe seu estatuto de inapreensível”* (LEVINÁS, 1972) [pg. 62].

Infinito, nestes termos, seria o próprio movimento de descoberta, de desvelar-se que o Homem-fronteira se submete quando parte rumo ao desconhecido, a alteridade, cuja experiência em si mesma revela a si mesmo e o Outro em uma autenticidade que permitiria uma existência ausente de particularidades, exclusão, diferenciações. Infinito, aqui desponta, como uma abertura total para o potencialidade do Outro e do encontro com o Outro e como conseguinte, consigo mesmo.

O Homem-fronteira, dessa forma, estaria disposto (através de uma educação que lhe garantisse tamanha liberdade e auto-instituição) a, através de um movimento de abertura, refletir sobre si mesmo tanto a partir do questionamento das leis, verdades e instituições (CASTORIARDIS, 1987), como a partir do Infinito (reflexão contínua e aberta) que o estabelecimento da relação com o Outro lhe garante.

Observa-se entretanto a existência de três forças que juntas operam como impedimentos para a racionalidade individual e coletiva, no sentido de ganho de autonomia, reflexão e originalidade. São elas: o núcleo intuitivo dogmático (HABERMAS, 1983), a positividade lógica (CAORSI, 1994) e a negatividade psicológica (FREUD, 1921).

O núcleo intuitivo dogmático (HABERMAS, 1983), oferecido pela tradição, funciona como uma base da formação socializadora, tal como uma pele impossível de ser descartada. Esta condição funcionaria como um impedimento para que os sujeitos critiquem racionalmente suas crenças, dado que nossa subjetividade, dada a nossa inaptidão à vida fora da sociedade e da cultura, é significada e mediatizada socialmente (CASTORIARDIS, 1987).

A positividade lógica (CAORSI, 1994), na sua lógica impede os sujeitos de reconhecerem outra coisa que não o que lhes é apresentado. Entendendo tudo que lhes chega como algo natural. Não havendo espaço para uma abstração reflexiva (PIAGET, 1977) capaz de viabilizar

um meta abstração reflexiva sobre o mundo e si mesmo. No qual, ao extrair as propriedades de sua ação sobre o objeto, ultrapassa o observável permitindo uma reorganização criativa sobre si e sobre o mundo.

A negatividade psicológica (FREUD, 1921) que tolhe o indivíduo das suas potencialidades e possibilidades de reconhecimento, esboça a construção de uma frágil identidade. Ao impedir uma ação crítica e reflexiva face o núcleo intuitivo dogmático e a positividade lógica, a negatividade psicológica manuseia os sujeitos subjetivamente tolhendo qualquer possibilidade no sentido de reconhecer-se como alguém digno de reconhecimento na sua inapreensibilidade (LEVINÁS, 1972).

Tendo em vista tais aspectos analisados, pode-se afirmar que as discussões que tangem a questão da construção identitária na atualidade fogem de uma mera questão psicossocial. Identidade é uma questão política, social, psicológica e epistêmica. Guiada por significantes a inclusão que se observa é perversa, uma vez que se acessa os símbolos, porém não permite o acesso ao capital intelectual e subjetivo necessário para a construção de um pensamento estratégico. A poética se encontra inviabilizada e os homens se veem reduzidos a lógicas de eficiência, de entretenimento, de massificação.

#### **IDENTIDADE, HOMEM-FRONTEIRA: O ESPAÇO E O HABITAR NA ATUALIDADE**

Tomando o espaço do século XXI, a intensificação e a velocidade da evolução da sociedade reforçou a classificação binária (HARTOG, 2004) na qual operamos. A clivagem entre os que estão dentro e os que estão fora aparece cada vez mais evidenciada no cotidiano dos centros urbanos que, por sua lógica de funcionamento, pelas relações que estabelecem com seus habitantes, por seu movimento constante de abertura e fechamento, de reconhecimento e de desrespeito

(HONETH, 2007) impõem a todos, no movimento da construção da identidade, a partir das alteridades, um delicado limiar baseado nos elementos simbólicos que pontuam o estar dentro ou o estar fora.

O urbano, desta forma, cuja disposição expõe os limites das fronteiras entre o estar dentro e o estar fora para todos, aponta para uma naturalidade, pois:

*“nas relações entre seres humanos e circunstâncias histórico culturais que condicionam sua existência e são por eles condicionadas, configurando um panorama complexo, face à amplitude planetária com que emergem e, interagem entre si, informações, sobre a realidade a explicar, interpretar e sobre a qual teorizar... Seu território é o sistema-mundo (sistema colonial-moderno), e sua dinâmica é a história, plural e multireferenciada, herdeira de vários passados, comportando leituras situadas em várias dimensões temporais convergentes em uma arbitrária simultaneidade global”* (TASSARA, ARDANS, 2008) [pg. 139].

Nessa lógica, o modelo estratificador do sistema-mundo (TASSARA, ARDANS, 2008) reforça, ou melhor, está em sintonia com a dualidade apontada na retórica da alteridade que aponta para uma classificação binária (HARTOG, 2004) da relação, do reconhecimento do eu-outro. Nestes termos, dentro do urbano e diante de uma pauta que impera um entendimento binário (dentro-fora/ eu-outro/ bom-ruim), impõe-se situações de urbanidade e periurbanidade cuja natureza parece pautar a “viagem”, a busca, as descobertas e as perguntas do Homem-fronteira. Ou seja, as situações de urbanidade e periurbanidade apontam para a existência de um roteiro prévio a ser seguido. Uma condição de ocupação do espaço, do urbano e da própria história marcado por qualidades sempre antagônicas de si e do Outro.

Desse modo, diferentemente do que nos aponta o personagem Ulisses (HARTOG, 2004), a viagem a que os sujeitos de hoje parecem realizar possui uma pauta previamente estipulada. Como uma busca cuja chegada e cujo caminho já se encontra pautado. E mais, cujo caminho não possui alternativas que não as já delimitadas e esperadas pelo sistema-mundo, tal como, as identidades pressupostas (CIAMPA, 2004) que delimitam as possibilidades de ser e de atuar no mundo. Nesta lógica, a busca a que se propõem os sujeitos está no sentido de, diante da classificação binária, serem direcionados em direção à civilização e não a barbárie (HARTOG, 2004), aqui representada por uma situação de periurbanidade, e portanto de periferia do sistema-mundo. Desta forma, *“as dinâmicas identitárias que se configuram em função de aberturas ou afastamentos em relação a determinados campos simbólicos ou a algo que pode ser uma invenção”* (TASSARA, ARDANS, 2008) [pg 141] aparentam estar presas ao campo simbólico do que, por exemplo, se considera desejável ou não, limitando desta forma as possibilidades de autonomia e originalidade dos Homens-fronteira da atualidade.

Diante deste cenário, de limitação de potencialidades, a ocupação do espaço atua no sentido de reforçar a classificação binária e a periurbanidade uma vez que cerceia, em fronteiras do urbano a trajetória de vida de seus ocupantes. Mais evidentes que as fronteiras subjetivas impostas ao Homem-fronteira, marcadas pela positividade lógica (CAORSI, 1994), pelo núcleo intuitivo dogmático (HABERMAS, 1983) e pela negatividade psicológica (FREUD, 1921), as fronteiras do urbano marcam seus ocupantes física e subjetivamente, nas suas experiências cotidianas. As possibilidades de ser sobre a terra, do habitar propriamente dito perdem seu caráter de autenticidade, sua potencialidade de uma autêntica e original construção.

*“O jeito que você é e eu sou, o caminho de acordo com o qual somos homens na Terra, é o Buan, o habitante. A velha palavra dizia que o homem é tudo o que habita; mas esta palavra significa ao mesmo tempo: cuidar e cultivar (...) Ambas as formas de construir - construir como cultivar, colere em latim, cultura, e construir como construir edifícios, construções, aedificare - estão contidas em uma construção autêntica, em habitar”* (HEIDEGGER, 1954) [pg. 152]

Desta forma, tal como estão estruturados os elementos atuais do sistema-mundo, suas instituições, suas verdades e seus espaços sociais que demarcam os estar dentro e o estar fora, as possibilidades de reconhecimento e de emancipação do Homem-Fronteira se encontram inviabilizadas. Não apenas como uma possibilidade de ação, mas em um estágio anterior, como um ofuscamento que impossibilita sequer que seja reconhecido que se está diante de uma situação de tolhimento e manuseio das instituições, das verdades e do habitar dos sujeitos. Diante da impossibilidade da criação de espaços de ser-no-mundo que permitam a perpetuação de suas possibilidades de autenticidade e originalidade, os atuais Homens-Fronteiras se veem impedidos de se verem guardados, cuidados e *“protegidos em sua essência”* (HEIDEGGER, 1954) [pg. 161] .

Sempre em trânsito, o desafio do Homem-Fronteira está no ganho de consciência do próprio movimento, de abertura e fechamento, de reconhecimento e desconhecimento, de construção e do habitar a que se submete dentro de seu estar-no-mundo.

## REFERÊNCIAS

---

- BLUMER, H. Man and society: a substantive introduction to social science. New York: Prentice-Hall, 1969.
- CAORSI, C. Lógica, filosofia y psicoanálisis. Montevideo: Roca Vida, 1994.
- CASTORIADIS, C. As encruzilhadas do labirinto. Os domínios do homem. Vol. III. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- CIAMPA, AC. A estória do Severino e a história da Severina. Um ensaio de psicologia social. São Paulo: Ed. Brasiliense. 1987
- ERIKSON, E. Identidade, juventude e crise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1968.
- FREUD, S. Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 2006 (1921).
- GOFFMAN, E. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Prentice-Hall, 1963.
- HABERMAS, J. Consciência moral e agir comunicativo. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro. 1983
- HABERMAS, J. O futuro da natureza humana. São Paulo: Martins Fontes. 2004
- HARTOG, F. Memória de Ulisses. Narrativas sobre a fronteira da Grécia antiga. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2004.
- HEIDEGGER, M. Construir, habitar, pensar. Ensaio incluído em: Martin Heidegger, Vortzage und Aufatze. Tradução Francisco Soler, (1954)
- HONNETH, A. Luta por reconhecimento. A gramática moral dos conflitos sociais. São Paulo: Editora 34. 2003.
- HONNETH, A. Disrespect. The normative foundations of critical theory. Cambridge: Polity Press. 2007.
- JONAS, H. Le principe responsabilité. France: Champ Essai. 1979

LEVINÁS, E. Humanismo do outro homem. Petrópolis: Vozes, 1972.

MALVEZZI, M. Política identitária verde: emancipação ou desrespeito? Tese (doutorado) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde, 2011.

MEAD, G. Mind, self and society. Chicago: University of Chicago Press, 1934.

PIAGET, JEAN ET AL. A tomada de consciência. São Paulo: Melhoramentos e Edusp, 1977.

RICOEUR, P. Oneself as another. Chicago: University of Chicago Press, 1990.

SARBIN, T. Narrative psychology. The storied nature os human conduct. Westport, CT: Praeger, 1986.

SCHEIBE, K. Self studies: the psychology of self and identity. USA: Praeger, 1995.

STRYKER, S. Identity theory and personality theory: mutual relevance. Journal of Personality, 75 (6), 1083-1102, 2007.

TAJFEL, H. Grupo humanos e categorias sociais. Belo Horizonte: Livros Horizonte, 1972.

TASSARA, ET. Projeto “Formas organizativas de coletivos sociais e políticos em cidades latino-americanas: um estudo psicossocial do enraizamento em fronteiras urbanas-periurbanas no território de São Paulo”. Processo FAPESP NO 2010-51221-9. Relatório Científico final apresentado à FAPESP em outubro de 2013. Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

TURNER, J. Social comparison and social identity: some prospects for intergroup behaviour. European Journal os Social Psychology, I, 149-178, 1975.